**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**

**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

**As diretrizes do Latim Vulgar**

Filologia Românica I

Prof. Valéria Gil

Juliane Yuan Jia Wang 9821127

Sungwon Yoon 9822261

São Paulo

06 - 2018

1. **Definição do Latim Vulgar**

Até o começo do século XIX pensou-se em um único latim (o dos documentos escritos), embora alguns poucos reconhecessem a existência de um latim do povo inculto (bem diferente do outro), o qual seria a fonte da línguas românicas.

As bases científicas da origem latina das línguas românicas, demonstravam que existia em Roma, ao lado da língua literária, um latim bem diferente falado pelo povo romano, uma vez que a língua sempre é diferente entre as camadas sociais.

Usada no Lácio, região central da Península Itálica, onde se encontrava a cidade de Roma, o latim era uma língua originada do grupo itálico-céltico, o qual pertencia à família indo-europeia. Tal língua não era singular com uma gramática fixa como as demais línguas atuais, porém possuía vários aspectos diferentes. Pode ser classificada em três vertentes:

1. Latim literário, elaborado sob moldes gregos, era uma linguagem artificial e artística utilizada na literatura ― por exemplo, nas prosas do Cícero e do Augusto, e nas poesias de Catulo e do Horácio durante a Era do Ouro ― e nos documentos oficiais, sendo uma linguagem exclusiva de uma classe superior. É esse latim que é estudado atualmente por meio das literaturas que se preservaram até hoje;
2. *Sermo urbanus*, a língua coloquial que era falada pelas aristocracias de Roma. Por ter sido uma língua de classe alta, apresentava um caráter conservador e fechado às mudanças e às novas influências linguísticas;
3. *Sermo plebeius*, a língua falada pelos plebeus como os comerciantes, soldados, artesãos e camponeses de Roma. Não tinha uma gramática fixa e definida , e por isso era mais suscetível às quaisquer influências, além de apresentar uma certa distância do latim escrito. É conhecido também como latim vulgar, o qual originou às línguas neolatinas ou línguas românicas.

O termo “vulgar” foi dado ao latim falado pelos plebeus, que pode ser entendido, de acordo com o Ilari (2004), de três maneiras:

1. Vulgar no sentido de “corriqueiro”, “banal” sem conotações pejorativas; utilizado na fala, na escrita e em situações informais vividas pelas várias camadas da população romana.
2. Vulgar com sentido pejorativo de “baixo”, “reles”; expressão própria das camadas populares mais humildes da população romana;
3. Vulgar em conexão com vulgarismo, usado em expressões que julgam condenáveis por suas conotações populares, provincianas ou arcaizantes.

Os soldados, oriundos dessa camada mais baixa, usavam o latim vulgar. Por consequência, durante a expansão territorial do Império Romano, as línguas dos habitantes das regiões entraram em contato com o latim vulgar, gerando um intercâmbio linguístico. Assim, o latim foi se infiltrando lentamente por todo o império, iniciando-se da classe mais alta para a classe mais baixa (o povo), visto que o governo romano preservava a cultura e a língua de cada região, sem obrigar o uso do latim. Segundo o Ilari (2004), há testemunhos de que em épocas remotas, nas regiões incorporadas ao Estado Romano, o bilinguismo se manteve por muito tempo.

Enquanto que o latim literário se mantinha relativamente estável, o latim vulgar foi se introduzindo aos poucos nas regiões conquistadas, se misturando com as línguas de substrato. Assim, após a queda do Império Romano, as comunicações com Roma diminuíram, fortalecendo ainda mais a miscigenação com as línguas de substrato, levando cada uma delas ao desenvolvimento das suas próprias línguas, originando, as atuais línguas românicas.

1. **Influência sobre o latim vulgar**

É errado dizer que a língua de substrato desapareceu com a implementação do latim nas regiões conquistadas pelo Império Romano. Pelo contrário, isso foi um dos fatores determinantes para a dialetização do latim, e posteriormente, para a formação das línguas neolatinas.

Como acima comentado, o latim não foi implementado de uma hora para outra. Por um longo tempo, houve a presença do bilinguismo, uma vez que o Império não impunha o uso do latim nas regiões conquistadas e respeitava as culturas locais. Neste contexto, era natural que o latim sofresse muitas influências das línguas de substrato, as quais ocorreram de três maneiras, segundo o Ilari (2004) :

1. O latim incorporou, majoritariamente, dentre outras línguas, as palavras das línguas itálicas e célticas. Um exemplo é o *carrum* e *bracæ*, objetos desconhecidos pelos romanos, que foram incorporados ao latim e transmitidos às demais línguas românicas.
2. As denominações pré-românicas resistiram mais longamente na toponímia, nomes da fauna, da flora e da cultura medieval, especialmente as nomenclaturas que os romanos não conheciam.
3. O maior fator que contribuiu para dialetização foi o fato dos povos manterem os hábitos linguísticos de suas próprias línguas e aplicá-las ao latim. Assim, o latim se desenvolveu com base nas diferenças fonéticas das línguas de substrato.

Outro fator importante que levou à dialetização foi o superstrato linguístico. Devido às instabilidades econômicas e militares, o Império sofreu várias invasões bárbaras, os quais formavam seus reinos ao redor do território romano. Dentre esses povos, os que mais se destacaram em termos linguísticos foram os germanos e os árabes.

Antes da invasão dos germanos, já havia uma forte troca linguística em termos de lexicais. Após a invasão, foram inúmeras as influências germânicas na fonética, no léxico e na morfologia, enquanto que, a influência dos árabes se limitou apenas nos léxicos.

A presença de adstrato também não é desprezível. Há desde empréstimos de outras línguas em contato - como a palavra “palavra” que derivou do grego *parabolé* - como neologismo até a influência do latim literário e culto.

1. **Fontes do Latim Vulgar**

Como o latim vulgar era uma língua majoritariamente falada pela plebe, havia muitas dificuldades em se encontrar as fontes para a sua reconstrução, além de que, os registros formais que se têm até hoje são do latim literário, o qual está cheio de linguagem oratória e métrica para criar a harmonia.

**3.1. Comparação entre as línguas neolatinas**

O método comparativo permite a restauração indutiva da forma linguística original de que vieram as diferentes formas atuais, possibilitando a reconstrução mais ou menos aproximada de uma língua que desapareceu sem deixar documentos escritos antigos, dando-nos uma visão geral do Latim Vulgar.

Assim, o Auerbach (1948) afirma:

O latim vulgar somente subsiste nas línguas românicas. [...] Assim, o estudo comparado das línguas românicas é nossa fonte mais rica para o conhecimento do latim vulgar; o que elas possuem em comum, tanto no que respeita à evolução dos sons como as formas morfológicas e ao vocabulário, ou, em fim, à estrutura da frase, pode ser atribuído, com bastante verossimilhança, ao latim vulgar [...]. (p.53)

Por exemplo, por meio da comparação entre as formas de *folha* (português), *fulla* (catalão), *feuille* (francês), *fögla* (engadina), *foglia* (italiano), *fuola* (vegliota) e *foaie* (romeno), pode-se remontar que foram derivados da palavra *folia* do latim.

Outro exemplo é o verbo *trabalhar* (português), *travailler* (francês), *trabajar* (espanhol) e *travagliare* (italiano) que, em latim vulgar, postulam *trĭpaliare*, formado de *trĭpalium*, um instrumento de tortura (Serafim, 1946).

Alguns exemplos morfológicos dados por Meillet (1922, p. 29, apud Vidos, 1959, p. 22) são os verbos *dizer* e *fazer*.

Véanse también ejemplos en el campo de la morfología. Para la tercera persona plural del perfecto de indicativo de *dicere* y *facere* existian en latín clásico respectivamente las tres formas *dīxērunt*, *dīxēre*, *dixěrunt*, y *fēcērunt*, *fēcēre*, *fēcěrunt*. Si comparamos el ant. fr. *distrent*, fr. *dirent*, ant. fr. y fr. *firent*, it. *dissero*, *fecero*, rum. *zíseră*, *feaceră*, vemos que el acento recae sobre la primera sílaba en todas las lenguas romances y que esta acentuación es condición requerida para el desarrollo regular de las formas románicas. Puesto que en las palabras latinas polisílabas el acento recaía sobre la penúltima sílaba cuando esta era larga y sobre la antepenúltima cuando la penúltima era breve, las formas románicas deben de proceder del latín vulgar *díxĕrunt*, *fécĕrunt* (este último se encuentra en Plauto, por ejemplo), que tienen el acento sobre la primera sílaba.

**3.2. Observação das outras línguas próximas.**

Outro método é a comparação com as línguas não românicas, mas que estiveram em contato com Roma por uma via popular e direta. É visível nessas línguas, como inglês e alemão, os empréstimos latinos que se preservaram nas falas e foram fixadas no vocabulário.

**3.3. Gramáticos**

A terceira fonte importante são os gramáticos. Como nos livros de gramática contemporânea, a gramática dessa época também dava exemplos dos erros frequentemente cometidos no decorrer da fala, mas que não eram aceitáveis na linguagem literária. Na gramática de Cícero, ele observa que os prefixos “in” e “con”, diante de verbos ou nomes, são alongados e têm maior duração seguido de “s” e “f”, enquanto que nos outros casos, a pronúncia era breve:

*Quid vero hoc elegantius, quod non fit natura, sed quodam instituto? 'Indoctus dicimus brevi prima littera, 'insanus ' producta, immanis brevi, 'infelix' longa et, ne multis, quibus in verbis hae primae litterae sunt quae in 'sapiente atque 'felice,' producte dicuntur, in ceteris omnibus breviter; itemque ' conposuit,' consuevit,' 'concrepuit,' 'confecit.' Consule veritatem, reprehendet; refer ad auris, probabunt; quaere cur ita sit? dicent iuvare. Voluptati autem aurium morigerari debet oratio.* (CECATO, Cleuza. p. 43)

Há também glossários latinos que continham a tradução das palavras e gírias não usuais para expressões mais correntes (Grandgent, 1970).

**3.4 Literaturas latinas**

Outra fonte que demonstra o latim vulgar de maneira crua são as literaturas latinas da Era da Prata. As prosas e poesias desta época tentavam imitar os estilos da Era do Ouro, porém, tinham menos cuidado com a linguagem, se aproximando mais da língua coloquial. Isso pode ser observado nas obras que descreviam a vida, o ambiente, as atividades populares e a fala da população, assim como nos diálogos das comédias de Plauto e as Sátiras de Horácio.

**3.5. Autores cristaos**

Outra fonte importante são as inscrições dos autores cristãos, os quais desempenharam um papel muito importante na difusão do latim.

O latim dos cristãos era fortemente influenciado pelas antigas versões da Bíblia, anteriores ao São Jerônimo, elaboradas por gente semi-instruída, com poucas preocupações gramaticais e nenhumas estilísticas. (...) afrouxamento no rigor da disciplina gramatical, uma meia tolerância com certos giros da linguagem, já não direi popular, mas falada. Com isso se encaminhou, realmente, para uma expressão mais livre. Livre, sobretudo, de certas proibições gramaticais que limitavam a língua escrita. (Serafim, 1976, p.50)

**3.6 Tábuas execratórias**

Outro meio que serve de fonte para estudar o latim vulgar são as tábuas execratórias (*tabellae defixionum*), que eram uma prática da bruxaria originada no Antigo Egito e que se tornou muito comum em toda a Grécia e Roma. Segundo Galceran:

*Puede tratarse de un competidor amoroso, de la propia persona amada si no corresponde con su amor al ofendido, de un rival, de un ladrón, de la facción enemiga en los juegos del circo, etc. Estas tablillas se depositaban en las tumbas, en los pozos o en cimientos con un objetivo bien definido: hacer más fácil su llegada a las divinidades maléficas. Se trata de textos extremadamente vulgares, repletos de incorrecciones, torpes, pesados, insistentes, anacolúticos y pleonásticos.* (Galceran, 2016, p.16)

Essas tábuas consistiam em mensagens anônimas de maldições escritas nas pequenas placas de chumbo, bronze, estanho, mármore ou terracota, sendo atividades e sentimentos peculiares a indivíduos das mais ínfimas classes sociais como escravos, libertos, gladiadores etc. Como observamos em:

*te rogo qui infernales partes tenes conmendo tibi Iulia Faustilla Marii filia ut eam celerius abducas infernalis partibus et in numeru tu abias tbm n sei como encaixar*

**3.7 *Appendix Probi***

Segundo Silva (1946, p. 115), dentre as fontes do latim vulgar, a mais importante de todas é o *Appendix Probi*. Este texto, de autor anônimo, consiste numa lista de palavras e grafias da língua corrente, seguidas pelas formas literárias. É importante, não só para adquirir novos vocabulários de latim corrente, mas é uma grande fonte de referências de palavras latinas que podem ser utilizados para a conferência do resultado de comparação entre as línguas neolatinas.

São alguns transcrições do *Appendix Probi*: *porphireticum marmor non purpureticum marmur / tolonium non toloneum / speculum non speclum / masculus non masclus / vetulus non veclus / vitulus non viclus / vernaculus non vernaclus / articulus non articlus*.

**3.8 Inscrições**

Datadas desde antes da era cristã até o fim do Período Imperial, eram de menor preocupação com a correção linguística, menor preocupação com os redatores e preservaram a conservação da sua forma primitiva. As inscrições oficiais não apresentavam vulgarismos, enquanto as inscrições populares eram feitas por particulares de cultura imperfeita, denunciando a existência de um latim bem diferente daquele conhecido nos textos literários.

1. **Problemas do Latim Vulgar e das suas fontes**

A reconstrução do latim vulgar não é um trabalho fácil. Mesmo havendo várias fontes como os documentos oficiais, literaturas, gramáticos etc., eles não utilizavam o latim vulgar, tornando-os inapropriados para as pesquisas. Nem sequer as fontes acima explicadas reproduzem fielmente o latim vulgar, nem apresentam a circunstância em que foi escrito, uma vez que, os gramáticos corrigiam os erros sem se deterem ao estudo dele e da sua extensão, enquanto o *Appendix Probi* apenas nos dava a certeza de que os erros enumerados eram comuns, porém não esclarece se eram fenômenos locais ou simples idiossincrasias individuais.

Contudo, o latim vulgar ocupa um lugar primordial, uma vez que é por meio dele que se obtém a história da nossa língua portuguesa e das demais línguas neolatinas. Dado que latim é chamado de língua morta, não se pode afirmar que a língua desapareceu completamente, uma vez que, ela ainda está presente em várias línguas românicas, com suas modificações e desenvolvimentos que sofrera no decorrer da sua história.

**Referências Bibliográficas**

AUERBACH, Erich. Introdução aos estudos literários. Tradução de José Paulo Paes. 2. ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1972. 278 p.

CECATO, Cleuza. Comentários gramaticais de Aulo Gélio: Uma proposta de tradução. Dissertação (Dissertação em Letras) - UFPR. Curitiba, p. 231, 2005

GALCERAN, Coloma Lleal. Historia de la lengua española. 4. ed. Barcelona: Universitat de Barcelona. 2016. 212 p.f

ILARI, Rodolfo. Linguística românica. 9. ed. São Paulo: Editora Ática, 2004. 285 p.

IORDAN, Iorgu. Manual de lingüística románica. 7. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1972. 394 p.

MAURER JR. Th. Henrique. O problema do latim vulgar. 4. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962. 198 p.

SILVA NETO, S. Fontes do latim vulgar: O Appendix Probi.. 3. ed. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1946. 286 p.

\_\_\_\_\_\_. Introdução ao estudo da filologia portuguesa. 2. ed. Rio de Janeiro: Grifo, 1976. 285 p.

\_\_\_\_\_\_. História do latim vulgar. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica. 1957. 230 p.

VÄÄNÄNEN, Veikko. Introducción al latín vulgar. Madrid: Editorial Gredos, 2003. 431 p.

VIDOS, B. E. Manual de lingüística románica. Tradução de Francisco de B. Moll, Madrid: Aguilar. 1973. 416 p.

APPENDIX Probi. Disponível em: <http://www.archivio-dipartimentolingue.unito.it/ronco/documents/oss-materiali/appendix%20probi.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2018.